

EBOOK GRATUITO

A REVOLUÇÃO DAS FINTECHS

O MELHOR DE 2018
O QUE ESTÁ POR VIR EM 2019

- **CONHEÇA O NOVO CURSO FINTECH REVOLUTION**
- NESTA EDIÇÃO, ENTREVISTAS COM NUBANK, GUIA BOLSO, CREDITAS, GERU, KONDUTO, RIPIO E IUGU

StartSe 

SUMÁRIO

- 3** A revolução das fintechs começou — e está só no início
- 7** Por que 2018 foi o melhor ano das fintechs no Brasil
- 13** O BC matou a 1ª fintech. Mas isso é coisa do passado
- 20** O Nubank só pensa naquilo: a NuConta
- 23** Por que a Geru acredita que o mercado de crédito vai mudar em 2019
- 25** O Guiabolso vai investir para fazer você investir
- 28** A Creditas não quer roubar a pizza de ninguém em 2019
- 31** Conheça 3 fintechs que vão muito além do que você pensa

A revolução das fintechs começou — e está só no início

Nubank, Guiabolso, Geru, Credits e tantas outras startups estão provocando uma revolução que segue em curso

POR TAINÁ FREITAS





O QUE SÃO FINTECHS?

AS FINTECHS SÃO EMPRESAS QUE APLICAM ALTA TECNOLOGIA EM SOLUÇÕES VOLTADAS PARA O SETOR FINANCEIRO

Você lembra quando foi a primeira vez que utilizou o serviço de alguma das **fintechs** brasileiras?

As startups do mercado financeiro surgiram de forma tímida, mas hoje estão presentes nas carteiras, celulares e investimentos de milhões de brasileiros.

Essas empresas têm ocupado cada vez mais o papel de protagonistas do mercado financeiro e são as principais responsáveis pela revolução que vivenciamos hoje. Em uma pesquisa realizada pelo Google, 71% das pessoas se sentiram satisfeitas com os serviços oferecidos pelas fintechs, enquanto o número dos que estão felizes com os bancos é de 42%.

A concorrência trazida pelas startups auxilia a driblar alguns dos maiores problemas do mercado financeiro brasileiro: o alto spread bancário (a diferença entre a taxa de captação e a de empréstimo do dinheiro), falta de agilidade e a grande burocracia.

A relevância das fintechs no mercado cresceu tanto nos últimos anos que o maior órgão regulador do mercado financeiro do país começou a se mobilizar. No ano passado, o Banco Central fez uma consulta pública sobre a regulamentação das fintechs de empréstimo.

Quase um ano depois, hoje esse tipo específico de fintech está regulado e tem maior liberdade para operar. “Como o Banco Central regulamentou uma nova realidade de mercado, acho natural ter esse delay”, comentou Eduardo Montenegro Dotta, professor de Direito do Mercado Financeiro e de Capitais do Insper. “Um ano para maturar uma ideia dessa importância é um prazo bem aceitável”.

A maior concorrência com os bancos pode criar um grande resultado a longo prazo para o mercado financeiro e para o alvo mais importante: os cidadãos. “O que vai ajudar o Brasil a ter uma queda de juros é a concorrência”, disse o professor.

Exemplos como o Nubank, que atua na gestão de contas digitais e oferece cartão de crédito sem anuidade, começam a impulsionar que os grandes bancos se tornem cada vez mais presentes

no mundo online. Já o acesso a outras opções de crédito – frequentemente mais baratas que as convencionais – se tornou possível através de soluções como a Geru e a Creditas, por exemplo.

Enquanto isso, startups como o Guiabolso estão atuando para que o brasileiro tenha mais consciência da própria vida financeira, ao analisar e organizar seus ganhos e despesas de maneira automática. Recentemente, inclusive, a fintech identificou quais de seus usuários estavam pagando mais taxas do que deveriam.

Há exemplos semelhantes também para empresas: a iugu, por exemplo, atua na gestão e automação de pagamentos online, auxiliando na contabilidade e otimizando o trabalho dos departamentos de finanças.

SEGURANÇA

Mas, mais do que receber auxílio na gestão dos pagamentos online, as fintechs também estão ajudando a provar quando eles são reais ou não. Esse é o caso da Konduto, startup do mercado financeiro que atua na prevenção de fraudes para o comércio eletrônico.

As soluções para a diminuição de fraudes são tão importantes



para um mercado cada vez mais digital – e que envolve dinheiro – que uma nova modalidade de dinheiro foi criada: as criptomoedas ou moedas virtuais.

Esse é o caso do bitcoin, por exemplo, que é gerido pela blockchain – uma plataforma criptografada também utilizada na criação e gestão de contratos devido a sua natureza transparente. Como um livro aberto, a blockchain registra todas as transações realizadas de qualquer lugar do mundo, diminuindo riscos.

As fintechs também estão se tornando protagonistas nessas soluções. Startups como a Ripio, por exemplo, estão auxiliando na gestão desse dinheiro virtual, atuando como uma carteira digital para comprar, vender e armazenar bitcoins, bem como realizar pagamentos.

As fintechs atuam no mundo digital, mas não só – a revolução que está em curso no mercado financeiro não poderia ser mais real.

<https://>

www.startse.com/noticia/startups/59039/revolucao-das-fintechs-comecou-e-esta-so-no-inicio



NOVO CURSO — FINTECH REVOLUTION

A StartSe lançou em janeiro de 2019 o curso Fintech Revolution. Trata-se de uma série educativa que mostra os bastidores da revolução causada pelas fintechs. Em oito capítulos, é possível conhecer:

- Os primeiros anos da revolução causada pelas startups financeiras
 - A transformação das carreiras em finanças, marketing, vendas, engenharia e tecnologia
 - As próximas ondas desta evolução, que está mudando profundamente a forma como as pessoas se relacionam com o dinheiro e com o sistema financeiro tradicional.

Assista o workshop grátis:

<https://bit.ly/2RppASA>.

Compre Fintech Revolution, da StartSe:

<https://bit.ly/2RJoO29>



Por que 2018 foi o melhor ano das fintechs no Brasil

Neste ano, as fintechs atingiram a marca de unicórnio pela primeira vez e abriram capital

POR TAINÁ FREITAS

Esse foi um ano de grande destaque para as fintechs brasileiras.

“2018 foi o ano mais emblemático. As fintechs atingiram a marca de unicórnio pela primeira vez e abriram capital. De todos os anos até hoje, elas começaram a ganhar corpo e tem sido o melhor ano delas na história”, afirmou Bernardo Pascowitch, fundador da Yubb e diretor da Associação Brasileira de Fintechs (ABFintechs).

A primeira startup do mercado financeiro brasileiro que se tornou um unicórnio – ou seja, atingiu o valor de 1 bilhão de dólares – foi o Nubank, em março de 2018. No mesmo ano, o sucesso também atingiu outras empresas – PagSeguro e Stone Pagamentos protagonizaram IPOs bem-sucedidos em Wall Street.

“Será que as fintechs vieram para ficar ou é só um hype do empreendedorismo do setor? Os números de captações, de valor de unicórnio e de abertura de capital confirmam que vieram para ficar”, comentou o diretor da ABFintechs.

Para além do status de unicórnio, o Nubank já captou

mais de 700 milhões de dólares em investimentos. No ano passado, a startup protagonizou uma rodada série E de 150 milhões de dólares e recentemente recebeu 180 milhões de dólares em um aporte da gigante chinesa Tencent.

Receber investimentos permanece uma vontade do setor. No catálogo de fintechs 2018 “de A a Z” da ABFintechs, das 192 startups descritas no documento, apenas 44 afirmaram não precisar de investimentos.

O MAIOR ECOSISTEMA DE FINTECHS

Atualmente, são mais de 400 fintechs atuando no país, segundo o Radar Fintechlab. Elas atuam nas categorias de bancos digitais, blockchain e bitcoin, gestão financeira, pagamentos, seguros e eficiência financeira.

O Brasil é considerado o maior ecossistema de fintechs da América Latina, segundo o Finnovista. A distribuição dessas empresas não é homogênea em todo o Brasil. Em um relatório da ABFintechs e PWEC, 93% eram da região Sul e Sudeste. A cidade que mais se destacou foi São Paulo.

<https://>

www.startse.com/noticia/nova-economia/58989/por-que-2018-foi-o-melhor-ano-das-fintechs-no-brasil

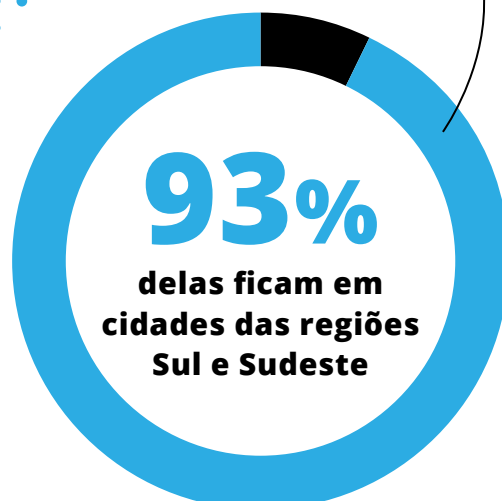
ONDE ESTÃO AS FINTECHS?

O mapa ao lado mostra a distribuição irregular das fintechs pelo território brasileiro.



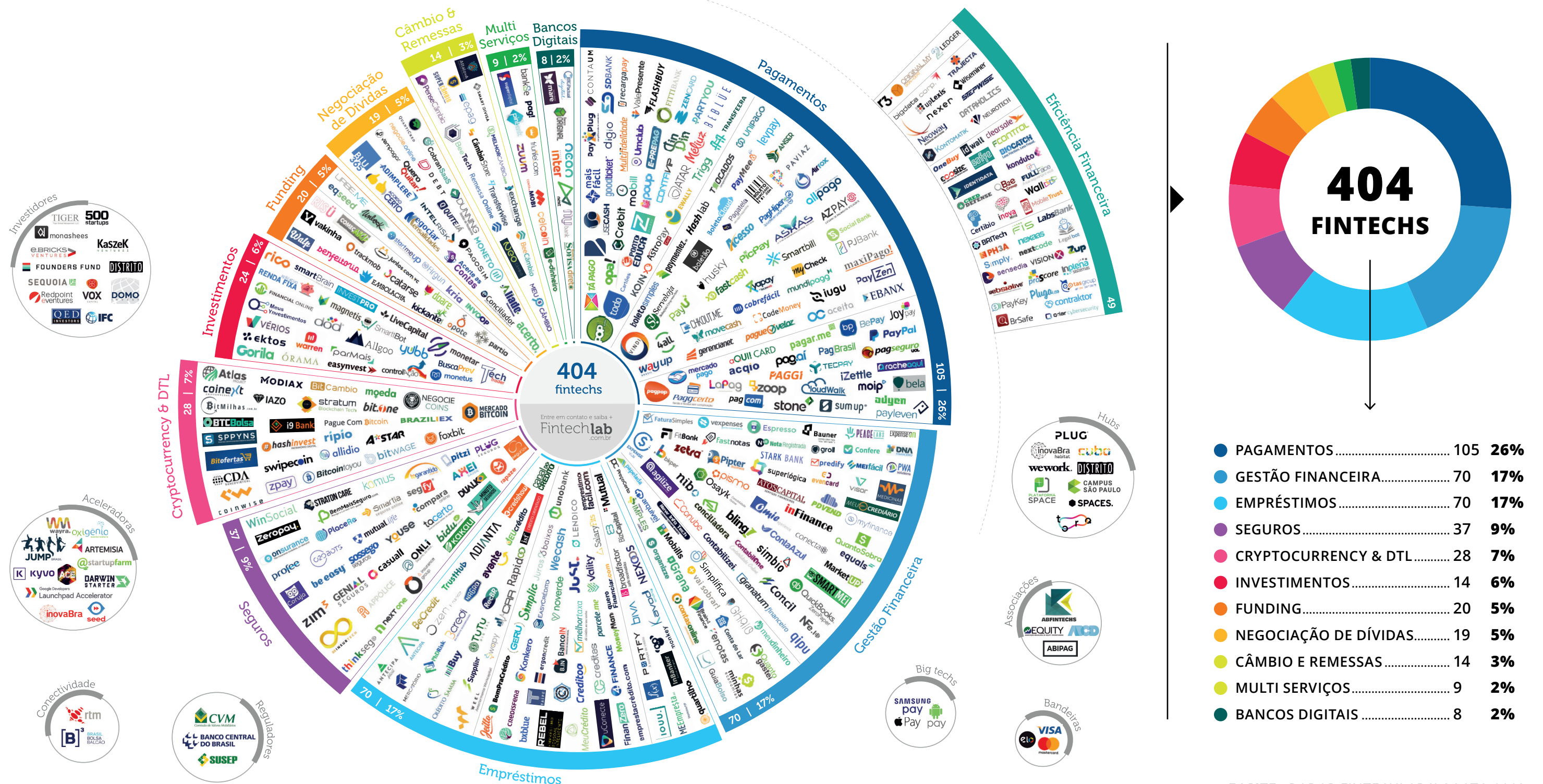
FONTE:
CATÁLOGO
FINTECHS
2018 DE A A Z,
ABFINTECH/
SEBRAE

AS FINTECHS SÃO MAJORITARIAMENTE LIDERADAS POR PROFISSIONAIS QUALIFICADOS NO SETOR (97% DELES SÃO FORMADOS, PÓS-GRADUADOS, MESTRES OU DOUTORES). MAIS DE 45% DOS EMPREENDEDORES POSSUEM ENTRE 30 E 39 ANOS E A MAIORIA (70%) JÁ HAVIA TIDO OUTRA EMPRESA ANTES, SEGUNDO A PESQUISA



MAIS DE 450 FINTECHS EM DIVERSOS SETORES

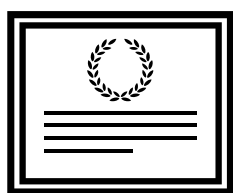
O BRASIL CHEGOU AO FINAL DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2018 COM UM TOTAL DE 453 STARTUPS FINANCEIRAS EM OPERAÇÃO. O NÚMERO REPRESENTA UM CRESCIMENTO DE 23% ANTE AS 369 EMPRESAS NO FINAL DE 2017



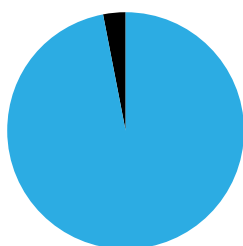
FONTE: RADAR FINTECHLAB/AGOSTO 2018

AS FINTECHS E SEUS LÍDERES

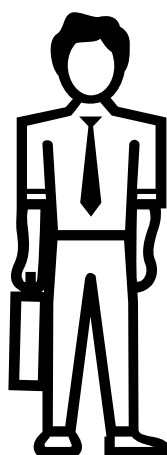
As fintechs são majoritariamente lideradas por profissionais qualificados no setor, 97% deles são formados, pós-graduados, mestres ou doutores. Mais de 45% dos empreendedores possuem entre 30 e 39 anos e a maioria deles, 70% já havia tido outra empresa antes.



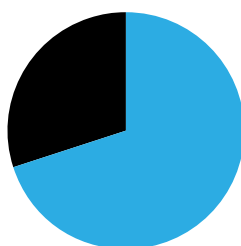
SÃO FORMADOS,
PÓS-GRADUADOS,
MESTRES OU
DOUTORES



97%



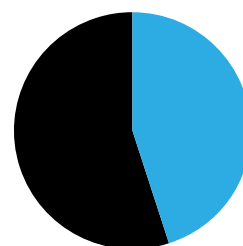
JÁ HAVIA
TIDO OUTRA
EMPRESA
ANTES



70%



POSSUEM
ENTRE
30 E 39
ANOS



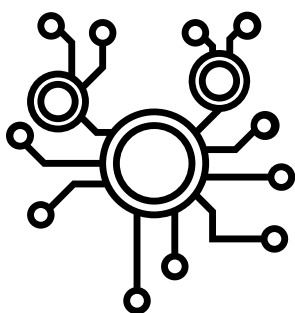
45%

FONTE: CATÁLOGO FINTECHS 2018 DE A A Z, ABFINTECH/ SEBRAE

OS SETORES QUE MAIS CRESCEM

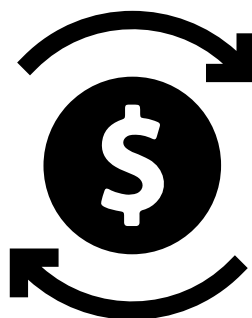
(crescimento percentual e em número de empresas de 2017 para 2018)

CRIPTOMOEDAS



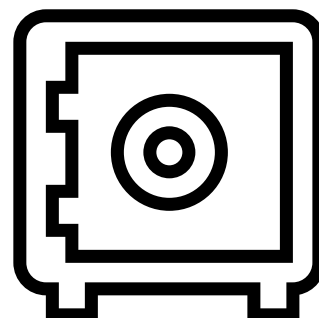
86%
PASSANDO
DE 15 PARA
28 INICIATIVAS

CÂMBIO E REMESSAS



55%
SALTANDO
DE 9 PARA 14
EMPRESAS

SEGUROS



37%
INDO DE
27 PARA
37 PROJETOS

SELEÇÃO NATURAL

O RADAR FINTECHLAB DETECTOU QUE **23 FINTECHS DEIXARAM DE EXISTIR** EM 2018 EM RELAÇÃO AO ÚLTIMO LEVANTAMENTO, NO FINAL DE 2017. EM CONTRAPARTIDA, NO MESMO PERÍODO, FOI IDENTIFICADA A **ENTRADA DE 95 NOVOS EMPREENDIMENTOS** NESTE MERCADO.

FONTE: RADAR FINTECHLAB/AGOSTO 2018



O BC matou a 1ª fintech. Mas isso é coisa do passado

Entenda por que o desafio da falta de regulamentação das fintechs vai além dos enfrentados por qualquer startup.

POR TAINÁ FREITAS

O desafio da (falta de) regulamentação das fintechs vai além dos enfrentados por qualquer startup. Ela impede que as fintechs atuem de forma independente, estimula a falta de confiança entre os brasileiros e restringe a cartela de produtos oferecidos. Mas esse é um cenário que está começando a mudar.

Em 2017, o Banco Central (BC) iniciou uma consulta pública sobre a atuação das fintechs no mercado de crédito. A intenção do regulador era de aumentar a competição do Sistema Financeiro Nacional e diminuir os custos para quem precisa fazer um empréstimo. “Isso vai contribuir para a inclusão financeira, com produtos melhores, mais adaptáveis às demandas da sociedade”.

A MORTE DA PRIMEIRA FINTECH

A mudança de paradigmas é notável. Em 2010, o Fairplace, o primeiro site brasileiro de empréstimos entre pessoas, teve suas operações interrompidas devido a uma investigação da Polícia Federal, a partir de uma comunicação entre o BC e o Ministério Público Federal. Na

época, a justificativa é que a empresa estaria fazendo “agiotagem online”.

Cinco anos depois desse incidente, o Banco Central regulamentou as fintechs de crédito. Essa mudança foi fundamental para dar uma maior liberdade no mercado – agora, as startups do mercado financeiro podem conceder crédito sem a intermediação bancária.

E, hoje, o que o Fairplace fazia – também chamado de peer to peer landing – é uma das verticais das fintechs.

“O Banco Central, à época, teve que atuar dessa forma. Quem não é instituição financeira não poderia estar operando crédito, uma vez que não tinha autorização”, comentou Eduardo Dotta, professor de Direito do Mercado Financeiro e de Capitais do Insper.



**“VEMOS COM BONS OLHOS
TODO O PROCESSO DE INOVAÇÃO.
TEMOS APOIADO E ESTAMOS
ABERTOS A DISCUTIR E A
REGULAMENTAR AQUILO QUE FOR
POSSÍVEL PARA DAR SEGURANÇA”**

**Otávio Damaso, diretor de
Regulação do Banco Central**

SEGMENTAÇÃO

O BC passou a segmentar a atuação das fintechs de crédito entre “Sociedade de Empréstimo entre Pessoas” (SEP) ou “Sociedade de Crédito Direto” (SCD). Na primeira opção, agora é possível conectar digitalmente investidores a pessoas que precisam de crédito, como em um marketplace.

Já a SCD regulamenta as empresas que oferecem opções de empréstimos através de uma plataforma eletrônica.

“A quantidade de fintechs trazidas para análise no BC está dentro das expectativas”, informou o Banco Central. Em 2018, 11 pedidos estavam sendo analisados, entre as opções de SEP ou SCD. A primeira fintech a receber a permissão foi a QI Tech, que se tornou uma SCD em dezembro do mesmo ano.

E o objetivo em regulamentar fintechs continua. Quase um ano depois da primeira consulta pública, o BC anunciou outra iniciativa. Dessa vez, a intenção é de incluir as fintechs como empresas autorizadas a operar microcrédito. A consulta pública, que tinha a duração de 30 dias, já foi encerrada.

“A QUANTIDADE DE FINTECHS TRAZIDAS PARA ANÁLISE NO BC ESTÁ DENTRO DAS EXPECTATIVAS”



O CASO DA NEON

Ainda em 2018, um evento abalou o mundo das fintechs e de todo o mercado financeiro: a liquidação extrajudicial do Banco Neon. Um dia após a fintech Neon Pagamentos receber investimentos, o Banco Neon foi fechado pelo BC.

Apesar do nome homônimo, as duas empresas eram diferentes. O banco quebrou, mas a fintech continuava intacta — com apenas alguns serviços, típicos de instituição financeira, paralisados. Esse feito foi destacado inclusive pelo BC, que reforçou que a startup não seria atingida.

Apesar do susto, a Neon Pagamentos encontrou outro parceiro dois dias depois, o Banco Votantim. Para Fernando Gomes, sócio do escritório que representou a startup, o órgão regulador do mercado financeiro olhou

com atenção para a fintech.

“O BC liquida de forma inédita o banco e diz, na declaração, que a fintech não tem nada a ver. Eles tiveram muito cuidado com o nome da Neon porque acreditam que as fintechs são uma nova solução para o mercado financeiro”, afirmou.

Sete meses depois, a Neon se recuperou e lançou a conta-corrente digital jurídica em que estava trabalhando no dia D.

OPEN BANKING

É claro que, entre as diversas verticais de fintechs, o setor de crédito não é o único que está sendo discutido para regulação pelo Banco Central. O open banking – iniciativa que integra sistemas de bancos às fintechs – é o tema da vez.

A regulamentação pode influenciar em modelos de negócios de fintechs como o Guia-bolso, por exemplo, que realiza a integração dos dados bancários de seus usuários para análises financeiras. Essa iniciativa já é aplicada em diversos bancos e fintechs do país, como o ContaAzul, startup focada em contabilidade.

Na Europa, o open banking foi regulamentado recentemente.

No início de 2018, todos os bancos possuem protocolos abertos para facilitar a integração de informações entre bancos e outras instituições, como as fintechs.

VOCÊ VAI OUVIR FALAR MAIS DO SANDBOX

Mas o open banking não parece ser a única iniciativa promissora para a regulamentação das fintechs em 2019, segundo Bernardo Pascowitch, fundador da Yubb e diretor da Associação Brasileira de Fintechs.

O conceito é semelhante ao de crianças brincando dentro de um parque. “Elas estão autorizadas a fazer o que quiserem dentro daquele espaço, desde que respeitem as regras e os limites estabelecidos para sua atuação”, afirmou Augusto Coutinho Filho, coordenador de Desenvolvimento de Normas da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Se adotada, a característica pode permitir que as fintechs continuem inovando, mas agora em um ambiente controlado e com menor chance de riscos. Em um setor tão delicado como o mercado financeiro, essa parece ser uma saída interessante para o fomento da inovação, mas sem deixar a segurança de lado.



“A GRANDE EXPECTATIVA PARA 2019 É O SANDBOX. O CONCEITO SURTIU FORA DO BRASIL, NA EUROPA, E JÁ FOI IMPLEMENTADO EM VÁRIOS PAÍSES DO MUNDO”

https://

www.startse.com/noticia/nova-economia/58987/o-bc-matou-1a-fintech-brasileira-mas-isso-e-coisa-do-passado

O QUE É SPREAD BANCÁRIO?

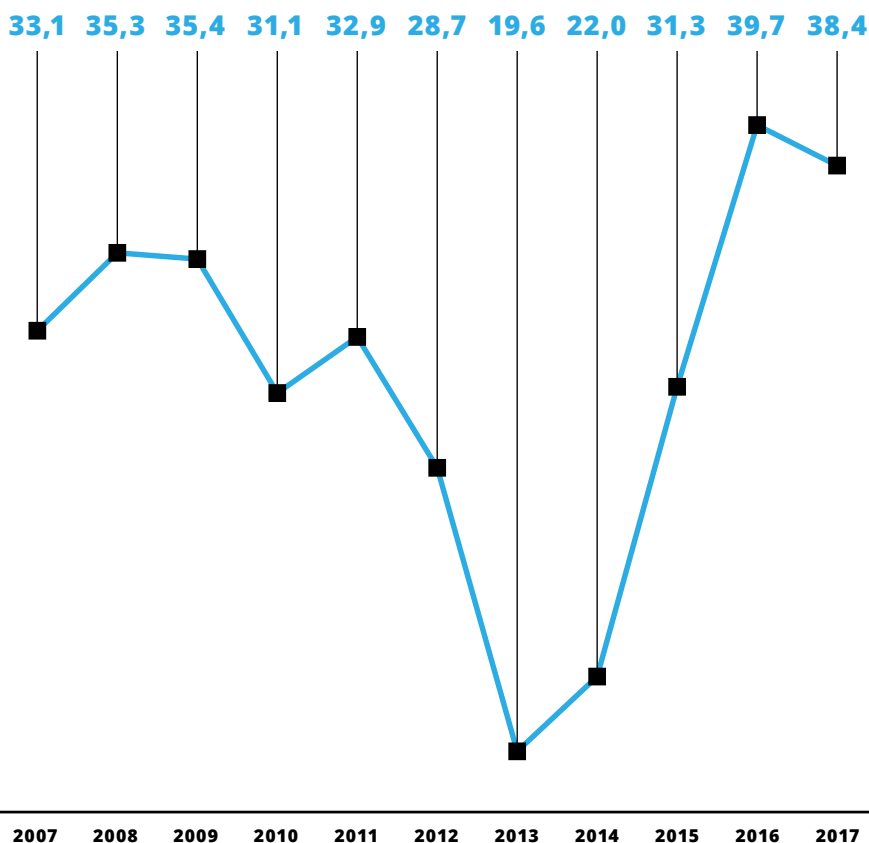
É a diferença entre o custo que o banco tem para oferecer crédito e os juros cobrados ao consumidor na hora do empréstimo. Quando o banco vai emprestar dinheiro para o cliente, cobra então uma taxa para compensar os gastos e ainda obter margem de lucro.

PARA O CONSUMIDOR, CUSTA CARO O CRÉDITO

O BRASIL CONTINUA NO TOPO DO RANKING MUNDIAL DE SPREAD, SEGUNDO O FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL E BANCO MUNDIAL.

FONTE: STARTSE

EVOLUÇÃO DO SPREAD BANCÁRIO NO BRASIL



FONTE: PESQUISA FINTECH DEEP DIVE 2018; ABFINTECH/PWC

O SPREAD BANCÁRIO NO MUNDO

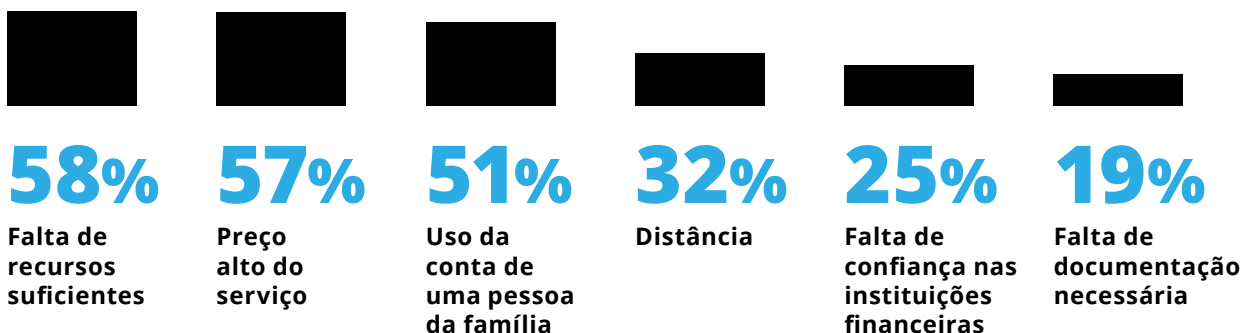
PARA EFEITO DE COMPARAÇÃO VEJA QUAL É O SPREAD DE ALGUNS PAÍSES.



FONTE: PESQUISA FINTECH DEEP DIVE 2018; ABFINTECH/PWC

FINTECHS RESOLVEM PARTE DESTES PROBLEMAS

O ELEVADO SPREAD BANCÁRIO NÃO É O ÚNICO PROBLEMA DO BRASILEIRO. UMA PARCELA DA POPULAÇÃO SEQUER TÊM UMA CONTA BANCÁRIA. VEJA POR QUÊ:



FONTE: BANCO MUNDIAL 2017

TECNOLOGIA + MODELO DE NEGÓCIOS INOVADOR = TAXAS MAIS BAIXAS

AS FINTECHS USAM MUITA TECNOLOGIA E TÊM ESTRUTURA MAIS ENXUTA EM RELAÇÃO AOS BANCOS TRADICIONAIS. POR ISSO, CONSEGUEM OFERECER PREÇOS E TAXAS MAIS VANTAJOSAS PARA OS CLIENTES. ALGUNS SERVIÇOS QUE OFERECEM EM CONDIÇÕES MAIS VANTAJOSAS SÃO ABERTURA DE CONTAS, CARTÕES DE CRÉDITOS E EMPRÉSTIMO.

FONTE: STARTSE



O Nubank só pensa naquilo: a NuConta

Maior fintech do Brasil, o Nubank quer aumentar de tamanho no próximo ano. Mas não a qualquer custo

POR TAINÁ FREITAS

O Nubank lançou dois produtos muito pedidos por milhões de clientes: os serviços de débito e saque, ambos vinculados à NuConta, o grande foco da fintech para o próximo ano.

“Estamos sempre atentos ao que os clientes pedem e estudando novos produtos e serviços, mas não queremos crescer a qualquer custo”, afirmou Cristina Junqueira, cofundadora e vice-presidente do Nubank. Por esse motivo, ela enxerga a NuConta como “prioridades um, dois e três”.

Apesar de ter sido lançada em 2017, a NuConta ficou disponível somente em junho deste ano para todos. Até então, a conta de pagamentos do Nubank estava disponível apenas para quem possuía o cartão de crédito da fintech. “Ultrapassamos a marca de 5 milhões de clientes no cartão de crédito e, com a NuConta, nos tornamos o maior ‘banco’ digital do mundo, abrindo mais de 2,5 milhões de contas desde o início do ano”, disse Junqueira.

Quando estava disponível apenas para quem já era cliente do Nubank, a NuConta contava com 1,5 milhão de

clientes. Com a abertura para todos — ou seja, em menos de um ano —, esse número cresceu 1 milhão.

Ao olhar para o mundo das fintechs, o Nubank enxerga ter um papel importante nas mudanças que estão acontecendo, como, por exemplo, na regulamentação dessas startups pelo Banco Central (BC). “Quando começamos o Nubank, esse termo fintech nem existia, e ninguém acreditava ser possível desafiar e competir em um setor tão concentrado e regulado”, lembrou.

Cristina Junqueira ainda vê um grande espaço para desenvolvimento de soluções e maturidade. “Das mais de 300 fintechs no Brasil, a imensa maioria ainda não tem um modelo de negócios claro, e muitas não estarão aqui em 2 anos. Mas, desse grupo, certamente sairão duas ou três empresas que terão um impacto material no setor”, disse.

REGULAMENTAÇÃO

O ano de 2018 começou de maneira icônica para o Nubank. No dia 22 de janeiro, a startup criada em 2013 recebeu a permissão para se tornar uma ins-

[https://](https://www.startse.com/noticia/startups/58970/o-nubank-so-pensa-naqui-lo-a-nuconta)

[www.startse.com/
noticia/startups/58970/o-nubank-so-pensa-naqui-lo-a-nuconta](https://www.startse.com/noticia/startups/58970/o-nubank-so-pensa-naqui-lo-a-nuconta)

tituição financeira. A aprovação veio através de um decreto do presidente Michel Temer, necessário para empresas que possuem capital estrangeiro. A fintech foi a primeira brasileira a passar por esse processo.

“Foi um aprendizado para nós e para o Banco Central”, comentou a cofundadora da fintech. A empreendedora acredita que esse processo se tornará mais eficiente, o que beneficiará fintechs de todo o Brasil. “O BC tem se mostrado muito aberto à inovação e buscado modernizar a regulação para estimular a competitividade no setor. A criação das contas de pagamento, por exemplo, que é a categoria em que se encaixa a NuConta, é uma grande evolução regulatória”, afirmou.

MAIS FUNCIONÁRIOS

Ainda em 2018, a fintech experimentou um crescimento também no número de pessoas que a compõe. Desde o começo de 2017 para 2018, a equipe, que era de 400 pessoas, mais que dobrou, alcançando 850 pessoas. Atualmente, a startup conta com quase 1.300 funcionários.

“ULTRAPASSAMOS A MARCA DE 5 MILHÕES DE CLIENTES NO CARTÃO DE CRÉDITO E, COM A NUCONTA, NOS TORNAMOS O MAIOR ‘BANCO’ DIGITAL DO MUNDO, ABRINDO MAIS DE 2,5 MILHÕES DE CONTAS DESDE O INÍCIO DO ANO”

Cristina Junqueira, cofundadora e vice-presidente do Nubank





Por que a Geru acredita que o mercado de crédito vai mudar em 2019

Apesar das regulamentações, a Geru acredita que o mercado de crédito ainda é convencional

POR TAINÁ FREITAS

O ano de 2018 trouxe destaque para as fintechs que emprestam dinheiro, como a Geru. Devido às regulamentações do Banco Central, hoje essas startups podem ser mais independentes, desde que tenham a aprovação do órgão regulador.

Para o presidente da Geru, Sandro Reiss, as fintechs de crédito se tornaram uma maneira de aumentar a competitividade com os bancos. “Recentemente, teve o decreto presidencial que permitiu a participação de capital estrangeiro nessas instituições financeiras, o que complementou perfeitamente a regulamentação”, afirmou.

Mas, mesmos com os avanços, o empreendedor ainda enxerga um longo caminho a ser trilhado, principalmente no setor tecnológico. “O mercado de crédito ainda trabalha com um aspecto tecnológico mais convencional, ainda que moderno. Não acredito que as tecnologias mais disruptivas, como blockchain, tenham chegado”, afirmou.

Ele acredita que a análise de banco de dados mudará o setor. Hoje, as fintechs cruzam diferentes fontes de informações para entender o risco de calote dos usuários que estão pedindo empréstimo. “Estamos nos preparando para falar com um público mais amplo e aumentar o volume de clientes que conseguimos ofe-

recer crédito, crescendo nossos índices de aprovação”, comentou.

Para atrair clientes, a Geru fez propagandas no metrô de São Paulo, mesmo estando apenas no mundo digital. “Queremos continuar em 2019 mostrando para o grande público que existe essa opção, que você pode ter o crédito aprovado e concluir essa operação sem sair de casa. É uma informação que ainda é não é universal”, afirmou Reiss.

A startup está tentando realizar esses objetivos com o auxílio de investimentos e parcerias. Recentemente, a Geru fez uma parceria com o Banco CBSS, do Banco do Brasil e Bradesco. No mesmo período, a fintech também conseguiu mais R\$ 238 milhões com a emissão de debêntures (títulos de dívida).

A equipe da startup, que iniciou com cerca de 80 pessoas em janeiro, chegou em dezembro com 120 pessoas. A fintech, que nasceu como um marketplace de crédito, hoje oferece crédito pessoal e empréstimo consignado para aposentados e pensionistas do INSS.

<https://>

www.startse.com/noticia/startups/58958/por-que-geru-acredita-que-o-mercado-de-credito-vai-mudar-em-2019



O Guiabolso vai investir para fazer você investir

O Guiabolso está trabalhando para virar um hub de serviços financeiros e oferecer, além de empréstimos, opções de investimentos

POR TAINÁ FREITAS

O Guiabolso tem um plano ousado para 2019. A startup está trabalhando para virar um hub de serviços financeiros e oferecer, além de empréstimos, opções de investimentos para seus usuários.

“Vamos conseguir falar de quase absolutamente qualquer assunto de finanças de forma relevante dado o perfil daquela pessoa, tanto financeiro quanto psicológico. O grau de individualização da experiência do usuário e personalização será muito significativo”, disse Thiago Alvarez, presidente e fundador do Guiabolso.

Esse objetivo pode ser acelerado com as perspectivas de regulamentação do open banking pelo Banco Central prevista para o mesmo ano. “Nós teremos regulamentações específicas, práticas específicas, uma infraestrutura existente já adaptada”, afirmou Alvarez.

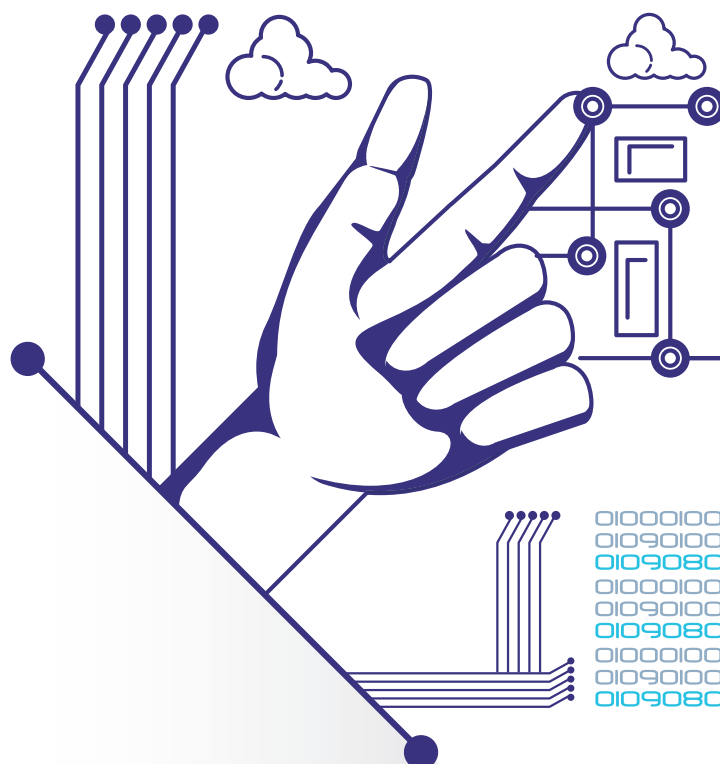
O presidente do Guiabolso possui grandes expectativas para o ano que vem no setor de fintechs. “Temos muitos desafios pela frente, como poucos empreendedores com experiência e pouco acesso à capital, mas a oportunidade é grande

no Brasil. Há muitos consumidores que já estão usando o digital e existe uma capacidade de absorção de capacidades inovadoras muito grande”, comentou.

E olha que, de usuários de fintechs, o Guiabolso entende: além de se tornar um hub de serviços financeiros, a startup está virando também um centro de inteligência financeira. Recentemente, a startup começou a mapear a vida financeira dos próprios clientes, auxiliando os brasileiros a entender quais são os principais erros, acertos e costumes.

https://

www.startse.com/noticia/startups/58963/o-guiabolso-vai-investir-para-fazer-voce-investir



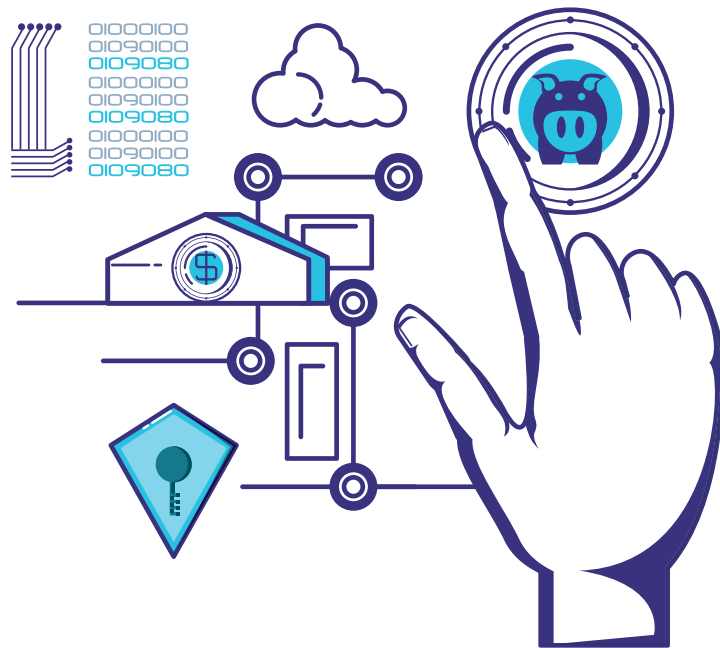
MAIS CONFIANÇA

Toda empresa do mercado financeiro possui um grande desafio: conquistar a confiança dos clientes. Para o Guiabolso, isso é ainda mais sensível devido à necessidade de os usuários integrarem suas contas à plataforma para análise de dados.

“Os indicadores de confiança aumentaram. Os usuários estão mais acostumados e dispostos a se integrarem no mundo digital”, contou o presidente e fundador do Guiabolso. A startup, no entanto, não revela suas métricas para medir a confiança dos usuários.

As consequências são sentidas nos próprios números do Guiabolso. A fintech cresceu quase 50% no número de usuários em 2018 e a expectativa é que a base de usuários continue aumentando nos anos seguintes.

“O mercado, em geral, está muito mais favorável às mudanças porque elas são inevitáveis. A única coisa que um banco não pode fazer agora é ficar parado”, argumentou o presidente do Guiabolso. Atualmente, a fintech possui parceiras com bancos como Votorantim e CBSS.



“VAMOS CONSEGUIR FALAR DE QUASE ABSOLUTAMENTE QUALQUER ASSUNTO DE FINANÇAS DE FORMA RELEVANTE DADO O PERFIL DAQUELA PESSOA, TANTO FINANCEIRO QUANTO PSICOLÓGICO. O GRAU DE INDIVIDUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO E PERSONALIZAÇÃO SERÁ MUITO SIGNIFICATIVO”

Thiago Alvarez, presidente e fundador do Guiabolso



A Creditas não quer roubar a pizza de ninguém em 2019

A Creditas tem uma crença: o cenário será positivo para todos os negócios ligados às fintechs em 2019

POR TAINÁ FREITAS

O vice-presidente de Novos Negócios da Creditas, Fabio Zveilbil, acredita que, em 2019, o cenário será positivo para todos os negócios ligados às fintechs, e não apenas para a startup que faz empréstimos com garantia e cuja receita cresceu sete vezes mais neste ano.

“Há muito espaço para não roubar o pedaço da pizza, mas para crescer a pizza, principalmente quando falamos de alternativas de crédito mais barato”, comentou.

“Queremos chegar a mais ou menos 1 bilhão de reais de carteira de crédito. Hoje, temos uma carteira de 350 milhões de reais, que operamos desde o começo da empresa”, falou Zveilbil. A startup foi criada em 2012, com o nome de BankFácil, e mudou o nome para “Creditas” posteriormente.

Algo que também favoreceu o boost de crescimento foram os grandes investimentos recebidos (225 milhões de reais) pela empresa em 2017. Já o crescimento em 2019 deve ser impulsionado pela rodada série C de 55 milhões de dólares, arrecadados neste ano.

A startup chegou a esses números investindo em pessoas, marketing e tecnologia. “Contratamos mais de 300 pessoas em 2018. É um processo de aceleração do crescimento que você faz tudo ao mesmo tempo, coloca gente, tecnologia e consegue captar mais”, esclareceu.

Uma iniciativa que foi destaque e facilitou a contratação de centenas de pessoas foi a Creditas Academy. Ela permitiu que os novos (e antigos) funcionários fossem treinados de maneira mais efetiva, a partir de um plano desenvolvido de acordo com as necessidades.

INSTITUIÇÃO FINANCEIRA

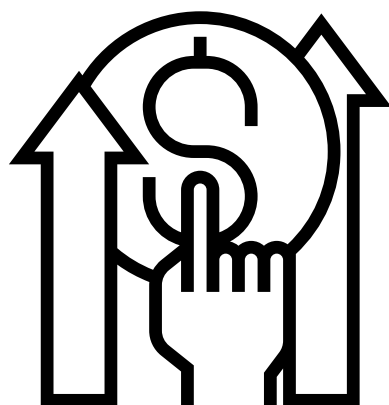
Uma das iniciativas realizadas pela fintech em 2018 foi o pedido para se tornar instituição financeira ao Banco Central (BC). Esse movimento deve guiar todos os seus passos futuros, pois a aprovação do órgão regulador brasileiro permite que a fintech tenha mais liberdade ao operar e desenvolver novos produtos.

A própria regulamentação do BC em 2018 impactou a fintech. “Nós participamos ativamente desse processo. Não só a Credi-

tas, mas as fintechs de crédito representadas pela Associação Brasileira de Crédito Digital têm um ótimo relacionamento para levar uma agenda melhor aos clientes, reduzir o spread bancário e democratizar o acesso”, comentou o vice-presidente de Novos Negócios da startup.

O pedido para se tornar instituição financeira é o mesmo

para se tornar uma Sociedade de Crédito Direto (SCD), opção possível graças à recente regulamentação. “Isso irá abrir algumas avenidas para nós. Continuaremos trabalhando com parceiros, mas permitirá que andemos sozinhos, reduzindo custos e conseguindo repassá-los para os clientes”, disse Zveibil.



“QUEREMOS CHEGAR A MAIS OU MENOS 1 BILHÃO DE REAIS DE CARTEIRA DE CRÉDITO. HOJE, TEMOS UMA CARTEIRA DE 350 MILHÕES DE REAIS, QUE OPERAMOS DESDE O COMEÇO DA EMPRESA”

Fabio Zveibil, Vice-presidente de Novos Negócios da Creditas

<https://>

www.startse.com/noticia/startups/58960/creditas-nao-quer-roubar-pizza-de-ninguem-em-2019



Conheça 3 fintechs que vão muito além do que você pensa

Estas fintechs oferecem muito mais do que serviços de pagamento e banco digital

POR TAINÁ FREITAS

A

s fintechs são comumente associadas a soluções de pagamentos, banco digital, educação financeira, entre outros. Essa noção, é claro, não está errada. No entanto, as startups do mercado financeiro vão muito além disso. Conheça os exemplos da Ripio, Konduto e iugu, que orbitam direta ou indiretamente no mundo das finanças.

KONDUTO

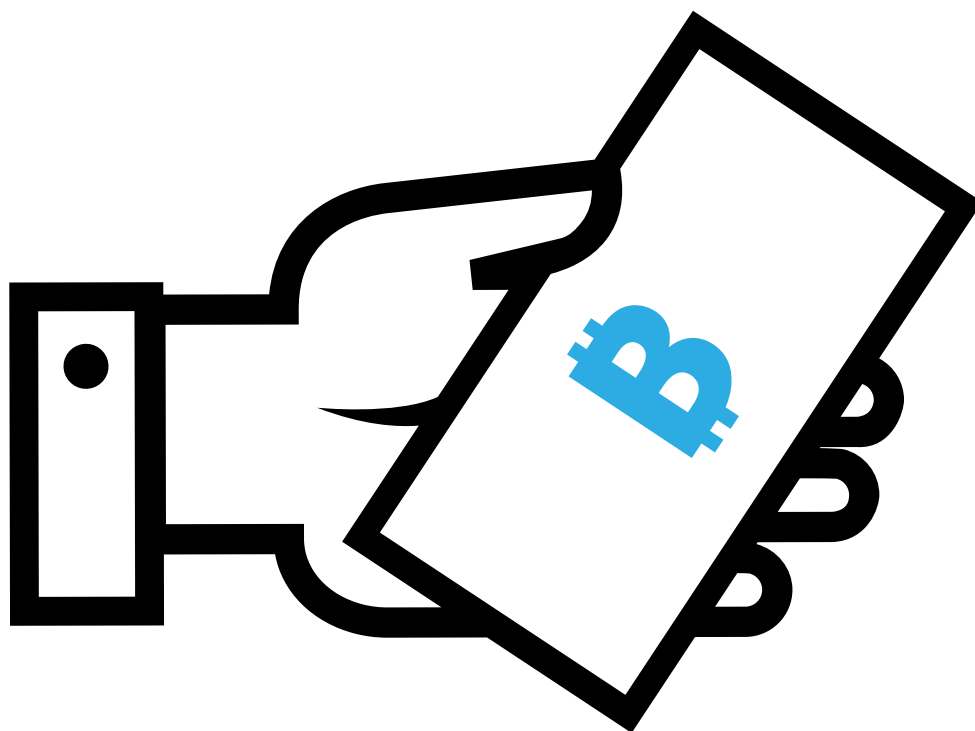
Você já pensou em tudo o que é necessário para manter um comércio eletrônico funcionando? Além de um bom site e solução de pagamentos, é preciso também um sistema anti-fraude. A Konduto realiza esse trabalho, detectando possíveis brechas na hora da compra.

Com cinco anos de atuação, a fintech possui a meta de triplicar de tamanho em 2019. Em 2017, a empresa atingiu 2 milhões de reais em receita e a promessa é que esse número alcance 6 milhões de reais em 2018.

“A expectativa é que as empresas voltem a investir em e-commerces e canais digitais. A loja física tem um custo muito maior, então, até agora, a atenção ia para o comércio físico”, afirmou Tom Canabarro, cofundador da Konduto.

As fintechs de segurança possuem grandes diferenças das convencionais: no caso da Konduto, por exemplo, a Lei de Segurança de Dados impacta muito mais em seu negócio do que as regulamentações do Banco Central.





RIPIO

A Ripio é uma carteira digital criada em 2013, na Argentina, para facilitar o recebimento de pagamentos em outros países, usando bitcoin ao invés do dólar.

A fintech opera no Brasil e possui 35 mil pessoas cadastradas. No ano passado, ela viu o interesse pelo seu negócio crescer devido à disparada do valor do bitcoin. Mas Fernando Bresslau, gerente nacional da Ripio no Brasil, acredita que esse foi apenas o início.

“Acreditamos que o interesse vai crescer no médio e longo prazo, mas é difícil dizer exata-

mente quando”, comentou. “A segunda onda que virá será mais sustentável. Vemos isso com tecnologias novas. No início, elas às vezes não estão prontas para receber muita gente”.

Para 2019, Bresslau continua acreditando no potencial das criptomoedas como maior atuação da blockchain. “A maior e mais concreta aplicação para a blockchain é o dinheiro digital. Há muitos projetos idealistas que precisam comer muito arroz e feijão”, contou. Hoje, a tecnologia também é utilizada nos seguros e na emissão de “contratos inteligentes”.

IUGU

Enquanto algumas fintechs podem operar livres da regulamentação do Banco Central, outras precisam de sua aprovação para avançar. Esse é o caso da iugu, plataforma de gestão e automação de pagamentos digitais.

“Tivemos um pouco de complicação por conta da regulamentação”, comentou Patrick Negri, fundador da startup. “Tirando a burocracia a que tivemos que nos adaptar, foi um ano excelente. Continuamos dobrando de tamanho em receita e triplicando em volume de transações”.

Em 2018, a iugu deve atingir cerca de 30 milhões de reais em receita. A fintech também realizou a automação de mais de 3 bilhões de reais em pagamentos. Para 2019, a expectativa é continuar dobrando a receita — segundo Negri, isso acontece na startup há quatro anos consecutivos.

A iugu agora está em busca da regulamentação para se tornar uma instituição de pagamentos. “Tivemos que fazer alguns investimentos para a

empresa ficar de pé e ter uma conexão direta com o BC, como um link dedicado e secundário, infraestrutura física, entre outros. Coisas que são bem tradicionais, e as startups não estão habituadas”, comentou o fundador da iugu.

Atualmente, a startup utiliza a solução de nuvem para operar. Para o futuro, o objetivo é começar a processar pagamentos, além de apenas automatizá-los. “Queremos continuar crescendo, entrar 100% em conformidade com o Banco Central e lançar novos produtos de pagamentos”, disse Negri.

Atualmente, a startup atingiu a marca de 3 mil clientes, levando soluções para outras empresas. A fintech auxilia departamentos financeiros, trazendo mais agilidade através da automação.

“Todo mundo está olhando com bons olhos quem está resolvendo problemas financeiros, mas eu vejo o grande boom do mercado, um amadurecimento, daqui a 3 a 5 anos”, afirmou o fundador da iugu.



[https://](https://www.startse.com/noticia/startups/58978/conheca-as-fintechs-que-voao-alem-dos-servicos-financeiros)

www.startse.com/noticia/startups/58978/conheca-as-fintechs-que-voao-alem-dos-servicos-financeiros



REPORTAGEM: TAINÁ FREITAS
EDIÇÃO: DIOGO MAX E JOSÉ EDUARDO COSTA
DESIGN: EVERTON PRUDÊNCIO



FALE CONOSCO:
ATENDIMENTO: (011) 4873-2130
VENDAS: (011) 94465-9807 / 99593-1524
E-MAIL: ATENDIMENTO@STARTSE.COM